

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE: O POETA-VAGA-LUME

Alzira Maria Ribeiro Araújo*

Resumo

Este artigo tem o objetivo de refletir acerca de poemas de Carlos Drummond de Andrade à luz do conceito literário de vaga-lume desenvolvido por Didi-Huberman (2011), uma vez que o escritor mineiro emite “lampejos” em sua escrita, assim como o faz o inseto em sua existência. O vaga-lume é uma metáfora para pessoas que deixaram às gerações futuras algo que produz reflexão, contribuindo para iluminar os caminhos do pensar; um “lampejo”, por assim dizer, como sinal de esperança, sobrevivência ou protesto contra a não realização de sonhos e desejos. Drummond, no entanto, emite seus “lampejos” intermitentes sobre seus sonhos e desejos erótico/pornográficos, por meio da sua criação poética. Neste trabalho, procura-se fazer sempre um paralelo entre os hábitos do inseto com os de Drummond para revelar a relação entre ambos, relação essa que possibilita qualificar o escritor como tal. Além disso, faz-se aqui também uma releitura da história do itabirano desde quando ele era um menino, de modo a evidenciar o objeto de estudo proposto.

Palavras-chave: Lampejos intermitentes de erotismo. Pornografia na poesia de Carlos Drummond de Andrade.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE: POET-FIREFLY

Abstract

This article aims to reflect on poems by Carlos Drummond de Andrade, according to the literary concept of firefly by Didi-Huberman (2011), since the mineiro writer emits “light” in his writing as does the insect in its existence. The firefly is a metaphor to people who left to future generations something which provides a reflection and contributes to enlighten the ways of thinking; a “light”, so to speak, as a sign of hope, survival or protest against dreams and desires that haven’t come true. Drummond, however, emits flashing “lights” from his dreams and desires through his poetic creation. In this work, it is intended to demonstrate the parallel between the insects’ and Drummond’s habits to reveal the connection between them, which makes it possible to describe the writer as a firefly. Moreover, a reading of the itabirano’s history is done here, since he was a boy, in order to confirm the truth of this study object..

Keywords: Intermittent flashes of eroticism. Pornography on the poetry of Carlos Drummond de Andrade

Recebido em: 08/03/2019

Aceito em: 03/04/2019

* Escritora. Graduada em Letras pela UFMG e Filosofia pela PUC Minas.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE: POETA-VAGA-LUME¹

Segundo Didi-Huberman (2011), em sua obra “Sobrevivência dos vaga-lumes”, vaga-lume é uma metáfora para pessoas que deixaram às gerações futuras algo que produz reflexão, contribuindo para iluminar os caminhos do pensar; um “lampejo”, por assim dizer, como sinal de esperança, sobrevivência ou protesto contra a não realização de sonhos e desejos. No capítulo VI, “Imagens”, dessa obra, o pensador dialoga com Jorge Bataille, especialmente no que diz respeito ao ideário do que denomina “lampejos”.

A partir do recorte do pensamento de Jorge Bataille (apud DIDI-HUBERMAN, 2011), que se encontra na obra acima citada, tomamos a mesma metáfora de “lampejos” dos vaga-lumes para percorrermos sua intermitência erótico/pornográfica, nas obras “Boitempo II e III” e na obra póstuma de Carlos Drummond de Andrade: “O Amor Natural”.

Nos capítulos anteriores ao sexto e último desse mesmo livro, são eleitos os escritos de Pier Paolo Pasolini, Walter Benjamin, Giorgio Agamben que se utilizaram metaforicamente dos “lampejos” dos vaga-lumes para se referirem à pessoas que iluminaram com seu pensamento, sua arte, sua vida, enfim, o mundo de escuridão em que a humanidade se encontrou em alguns momentos específicos ou se encontra, em menor ou maior intensidade sempre, seja diante de eventos traumáticos como guerras e catástrofes outras, seja individualmente, sempre, a cada momento da vida, diante da morte.

Didi-Huberman abre o capítulo “Imagens”, que norteia nossa reflexão, com o pensamento de Pascal, isto é, “ninguém morre tão pobre a ponto de não deixar alguma coisa” (PASCAL apud DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 133). Traz como exemplo para essa sentença a menina de onze anos de idade, que, antes de ser deportada e morta pelo gás em Auschwitz, esboça o desenho de uma borboleta sobre um papel amarelado. Toma esse desenho de Marika Friedmanova, como “lampejo” ou legado precioso de sobrevivência humana. Para ele, Marika Friedmanova se tornou, a partir desse “lampejo”, uma “menina-vaga-lume”.

Segundo Didi-Huberman (2011, p. 20), “mergulhados na grande noite culpada os homens irradiam às vezes seus desejos, seus gritos de alegria, seus risos, como lampejos de inocência.” Possivelmente, não foi diferente com nosso poeta itabirano, nesse trabalho denominado poeta-vaga-lume, porque no curso de sua criação poética ele emitiu “lampejos” intermitentes sobre seus sonhos e desejos erótico/pornográficos. O escritor se anuncia como portador de muitos restos enumerados, por exemplo, no poema “Resíduo” (ANDRADE, 1984, p. 92), “pois de tudo fica um pouco”. E ainda, no poema “Retrato de família”, finaliza dizendo que esses restos (lampejos) continuariam “viajando na carne” (ANDRADE, 1984, p. 130-132).

Garimpando de alguns poemas de Carlos Drummond de Andrade versos que poderiam, quem sabe, dar-nos algumas pistas sobre a origem/gênese² dos “lampejos³” intermitentes de

1 Gramaticalmente, segundo Antônio Houaiss, vaga-lumes são lampirídeos que têm no abdome uma série de órgãos luminescentes que, durante o verão, especialmente à noitinha, são reconhecíveis pela emissão intermitente de uma luz amarelada. Substantivo composto por verbo e substantivo. O verbo que agrega completude significativa ao substantivo lume é “vagar”, vagalumear (HOUAISS, 2001).

2 Formação dos seres, desde uma origem; constituição; origem.

3 Lampejos são brilhos momentâneos, faíscas, centelhas, cintilações.

erotismo/pornografia, deparamo-nos com o poema “Para sexo a expirar”, no qual o poeta registra que “para o sexo a expirar, eu me volto, expirante. / Raiz de minha vida, em ti me enredo e afundo. / Amor, amor, amor – o braseiro radiante / que me dá, pelo orgasmo, a explicação do mundo” (ANDRADE, 1999, p. 72).

Nosso poeta-vaga-lume sempre se apresentou como homem ensimesmado, sisudo, cabisbaixo, sério, de pouco riso, de poucas palavras, comedido nos gestos e ponderado nas respostas a poucas entrevistas que concedeu. Diante de uma imagem assim construída, recorreremos ao inconsciente freudiano, que tem o poder de revelar o ser, seja por meio da arte, seja por meio dos sonhos, na busca daquilo que esconde de si mesmo, na ilusão de poder se afastar do seu real, negando-se a si mesmo, deslocando-se para um lugar além daquele que se percebe ou se vê. Nesse caminho de busca, deparamo-nos com outra obra que muito nos pode ajudar: “O real e seu duplo”, de Clément Rosset (2008).

Tendo como estrutura fundamental a arte de perceber com exatidão, mas ignorar a consequência, a ilusão se dá como se cindissem dois aspectos do mesmo acontecimento, assumindo existências autônomas. Resulta da ilusão o poder de transformar um único real desagradável, por meio do deslocamento, numa visão duplicada. Essa “proteção” ou “defesa” leva o ser humano à evitar a coincidência, às vezes dolorosa, do destino com a sua realização. Resta àquele que sonha ou deseja, não poucas e raras vezes, procurar a sua origem em um lugar de menos frustrações.

Sendo impossível dizer em que consiste essa “outra” maneira de tornar reais os sonhos e os desejos, o sonhador manterá Édipo sempre distante, conservando-se assim a possibilidade do real aparente, inteiramente urdido como sucedâneo do produto verdadeiro para enganar a imagem, de preferência, diferente da real.

A ilusão é, às vezes, tão completa que, a cada momento, enquanto dura, pensa-se estar prestes a predizer o que vai ser realizado em termos de sonho e desejo. No caso dos poemas de “O Amor Natural”, é como se o poeta se assistisse como espectador do que diz nos seus versos.

Segundo Clément Rosset (2008, p. 80), em “O real e seu duplo”, “é provável que este desencadeamento, graças ao qual o presente se reabilita, enriquecendo-se subitamente de todos os bens dos quais até então estava privado, apareça mais claramente na poesia do que na filosofia, ainda que de afinidade poética, como é a filosofia de Nietzsche”.

No lugar da privação da realidade própria do presente, acrescida de outros possíveis presentes, como se formassem uma totalidade do que é, será e foi, dota-se cada instante da vida de toda riqueza da eternidade sonhada e desejada.

A estrutura que fundamenta o real abriga a unicidade, isto é, “toda coisa tem o privilégio de ser apenas uma, o que a valoriza infinitamente, e o inconveniente de ser insubstituível, o que a desvaloriza infinitamente” (ROSSET, 2008, p. 83-84). Essa afirmativa aponta para a grande fragilidade ontológica de toda coisa existente. A morte é o irremediável. O duplo que o sujeito imagina seria imortal, colocando-o a salvo da morte, não só e apenas física.

É particularmente interessante a pergunta lançada por Clément Rosset (2008, p. 95), “como eu seria isto, se a minha vida inteira consiste justamente em estar afastado disto?”

Voltamos à sabedoria de Pascal: “morre-se só” (ROSSET, 2008, p. 97). Mesmo que nosso poeta vaga-lume, Carlos Drummond de Andrade, pretendesse com os poemas de “O Amor Natural” desembaraçar-se de sua imagem, a leitura nos sugere uma indiferença para consigo mesmo, como revela a atmosfera jubilosa da obra.

A IMORTALIDADE DESEJADA IMPLICA LEMBRANÇAS E MEMÓRIAS

Antes de nos atermos aos poemas jubilosos de um gozo preconizado, em “O Amor Natural”, buscamos alguns versos da produção memorialista, quando nosso poeta-vaga-lume se refere às suas primeiras experiências no campo da sexualidade e cujos remanescentes/restos bem poderiam ter se alojado no seu inconsciente para, mais tarde, se tornarem “lampejos” erótico/pornográficos na sua poética como um todo, especialmente nessa obra póstuma.

Encontramos, no pensamento de Bataille, reproduzido por Didi-Huberman (2011), um possível caminho para compreendermos esses intermitentes lampejos do nosso poeta-vaga-lume.

Um homem é uma partícula inserida em conjuntos instáveis e emaranhados; uma parada favorável ao jorro, mas uma parada portadora de energia, capaz de irromper: jorrar inflamado, excedente, livre até de sua própria convulsão (e possuindo) um caráter de dança e de leveza decomposta.

Ou,

[...] a experiência estaria para o saber assim como uma dança na noite profunda está para uma estase na luz imóvel. Ora, na noite, nem o olhar nem o desejo cessam, capazes de aí encontrar lampejos inesperados: o sujeito da experiência (BATAILLE apud DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 144).

A lógica dos “lampejos” intermitentes na gênese da poética erótica de Drummond não é apenas racional. Ela também pode ser percebida como resultante de certa educação e cultura perversas, principalmente à época da infância/adolescência de Carlos Drummond de Andrade, em 1902, quando era ainda natural transformar os serviços da casa em objetos, coisas e mercadorias. As mulheres, especialmente “negras/negrinhas” (Boitempo II e III), como nosso poeta a elas se refere, além de serviços da casa, serviam aos filhos homens da família como objeto para as primeiras experiências sexuais. Foi com essas que Drummond, não diferentemente de outros homens seus contemporâneos, viveu suas primeiras investidas sexuais. Não escapa, aos nossos olhos, o empobrecimento ontológico com que nosso poeta-vaga-lume se refere a essas mulheres “negras/negrinhas”, dando-nos material suficiente para sustentar, afirmativamente, a humilhação a que expunha, mesmo que inconscientemente, essas submissas mulheres.

GÊNESE/ORIGEM DO EROTISMO/PORNOGRAFIA NA POESIA MEMORIALISTA E EM O AMOR NATURAL DE DRUMMOND

Diria nosso poeta itabirano, prenunciando o que carregaria pela vida afora, como legado de vida, que é “tão difícil crescer, adolecer/com alma antiga, carregar as coisas/ que não se deixam carregar” (ANDRADE, 2013, p. 287).

Mais tarde, em 1945, Drummond publicaria em “A Rosa do Povo” o poema “Resíduo”, já mencionado anteriormente, a propósito dos restos trazidos à luz, como “lampejos” de vivências. Nesse poema, podemos ler, “e de tudo fica um pouco. / Oh abre os vidros de loção/e abafa / o insuportável mau cheiro da memória” (ANDRADE, 1984, p. 92).

Como ilustração apenas, apresentamos abaixo alguns versos do poeta-vaga-lume, exemplares dos “lampejos” que perseguem sua poética, envolvendo o que aqui denominamos de primeiras descobertas e sua própria iniciação sexual. São reveladoras as vivências poetizadas como gênese de sua criação erótico/pornográfica, perseguindo o corpo da mulher ou atormentado pelo desejo de poder usufruir das práticas sexuais só permitidas aos adultos. Ele se antecipava em desejo puro, perdendo o sono, sacrificando-se em porões, embaixo de gretas do soalho, ou deitando na grama do quintal com as “negrinhas” disponíveis.

Indagações e descobertas

Meu irmão diz que não tenho mesmo jeito, porque não sinto o prazer dos outros na água do açude, na comida, na manja e procuro inventar um prazer que ninguém sentiu ainda. [...]. Eu tropeço no possível, e não desisto de fazer a descoberta do que tem dentro da casca do impossível (ANDRADE, 2013, p. 177).

“Hora de dormir, todo menino dorme. / Mesmo sem sono? Dorme sem pensar. / Mas estou pensando. Penso mulher nua” (ANDRADE, 2013, p. 105).

No úmido porão, terra batida, / lar de escorpiões, / procura-se a greta entre as tábuas / do soalho / por onde se surpreenda a florescência / do corpo das mulheres / na sombra de vestidos refohados / que cobrem até os pés / a escultura cifrada. Entro rastejante / dobro o corpo em dois / à procura da greta reveladora / de não sei que mistério radioso/ ou sombrio / só a homens ofertado / em sigilo de quarto e noite alta / [...] / Saio rastejante / olhos tortos / pescoço dolorido. / A triste poluição foi adiada (ANDRADE, 2013, p. 95).

Ai coxas, ai miragem, / nudez rindo fugindo! / Relampeia no escuro / até no dia claro! / Ai corpos e delícias, / mar de ondas imóveis! / Labareda a lambe-me / por dentro, e não parece... / Tão perto, seios longe! / à míngua de senti-los, / nem sequer o direito / de contar esta febre... / Ao menos uma vez / os olhos apalpassem / o pelo, a mão tocasse / o frondoso carvão! / Pegar na realidade/ o que vejo, invisível! / Não e nunca... Flanelas! / Linhos

indevassáveis! / Quando crescer (e cresço?) / Tudo estará presente? / Ou perco para sempre/ isto que não mereço? (ANDRADE, 2013, p. 195).

“Entretanto são palavras simples: / definem / partes do corpo, movimentos, atos / do viver que só os grandes se permitem / e a nós é defendido por sentença/ dos séculos. / E tudo é proibido. Então, falamos” (ANDRADE, 2013, p. 100).

Junto à latrina, o caixote / de panos de limpar cu / de menino. / Sá Maria é quem limpa o cu / e lava o pano. / Cresce o menino. / Assume a responsabilidade / de limpar seu próprio cu / com pedaços de jornal. / Sá Maria é chamada a outros deveres (ANDRADE, 2013, p. 155).

Uma negrinha não apetecível / é tudo quanto tenho a meu alcance/ para provar o primeiro gosto / da primeira mulher. / Uma negrinha, sem cama / salvo a escassa grama / do quintal, sem fogo / além do que vai queimando / por dentro o menino inexperiente / de todo jogo. / Ai medo de não saber / o que fazer na hora de fazer. / [...] / No chão, à luz da tarde, a tentativa / de um, de outro, em vão, no chão/ sobre a fria negrinha indiferente (ANDRADE, 2013, p. 97).

“A negra para tudo / a negra para todos / a negra para capinar plantar / regar / colher carregar empilhar no paiol / ensacar / lavar passar remendar costurar cozinhar / rachar lenha / limpar a bunda dos nhozinhos / trepar.” (ANDRADE, 2013, p. 23).

“[...] o padre português, no confessional, / antes que o pecador / debulhe seus pecados / indaga: / “Quantas vezes mexeste no pirolito”? [...]” (ANDRADE, 2013, p. 260).

Como Pasolini (2011) fez, trata de passear pelo campo, ao cair da noite e redescobrir, encantadoramente, que os vaga-lumes existem, beleza de ver isso, ao menos uma vez na vida porque “eles ‘desaparecem’ apenas à medida que o espectador renuncia a segui-los. Eles desaparecem de sua vista porque o espectador fica no seu lugar que não é mais o melhor lugar para vê-los” (PASOLINI apud DIDI-HUBERMANN, 2011, p. 47). Afirma brilhantemente, então, nosso autor teórico que “não foi na noite que os vaga-lumes desapareceram, com efeito. Quando a noite é mais profunda, somos capazes de captar o mínimo clarão, e é a própria expiração da luz que nos é ainda mais visível em seu rastro, ainda que tênue” (PASOLINI apud DIDI-HUBERMANN, 2011, p. 30).

Sem nos alongarmos em outras referências trazidas por Didi-Huberman, concentramo-nos no poeta-vaga-lume, Carlos Drummond de Andrade, que nos interessa por seus “lampejos” na noite escura, quem sabe diante da morte, ou da vida que passa numa rapidez incontrolável, ainda mais quando se trata de realização de sonhos e desejos, aparentemente perdidos na caminhada.

Há mostras de desejo persistente nesses versos de “Boitempo II e III”, de Drummond, quando perseguia a qualquer custo o desvelar do corpo da mulher e as façanhas que dele poderiam advir: algo tangível e visível que poderia o reconciliar consigo mesmo. Instala-se aí a necessidade de um duplo para deixá-lo existir na fantasia que é desejo e sonho.

A realidade é costurada por pedaços que nosso poeta-vaga-lume põe com maestria no papel sem os quais o sonho se dissiparia e se perderia. As lembranças escritas tomarão o lugar das lembranças vividas, valendo-nos como “lampejos” intermitentes, traços que serão o duplo de um ser-poeta. Esses lampejos funcionam como um jogo de ressonância interminável, um eco infinito, “a repetição como eterna ausência de algum presente verdadeiro” (ROSSET, 2008, p. 116).

Antes, porém, das exemplificações dos “lampejos” intermitentes na vida adulta, na obra póstuma, busquemos Georges Bataille e suas preconizações teóricas: “nós todos morremos incessantemente” e “o pouco tempo que nos separa do vazio tem a consistência de um sonho” (BATAILLE apud DIDI-HUBERMANN, 2011, p. 139). Segundo Bataille (apud DIDI-HUBERMANN, 2011), numa mistura de recuo para a obscuridade e essa “vontade de acaso”, vontade soberana, ansiosa, frenética, que nos faz lançar sinais na noite, como fazem os vagalumes, emitindo “lampejos” de pensamentos, de poesias, de desejos, de narrativas a transmitir, a qualquer preço e apesar de tudo.

Perseguindo os lampejos intermitentes do nosso itabirano, a custo de um saber clandestino sobre realidades submetidas à censura, encontramos, para nossa reflexão, o inconsciente que aflora, sem nossa permissão. Isso para dizer dos “resíduos” ou dos “restos”, conforme ele mesmo já colocara como “sobras”, que carregamos pela vida a fora, “viajando na carne”, podendo vir à tona para serem trabalhados, psicanaliticamente, quando se tem a possibilidade quase milagrosa de converter o peso da bagagem, em palavras de vida e esperança.

“Lampejos” intermitentes de erotismo/pornografia do poeta-vaga-lume em **O Amor Natural**

“– Você deve calar urgentemente / as lembranças bobocas de menino. / – Impossível. Eu conto o meu presente. / Com volúpia voltei a ser menino” (ANDRADE, 1999, p. 121).

Tentando empreender, assim se apresenta a nós o poeta-vaga-lume, “viagem ao fim do possível do homem”, escreve Carlos Drummond de Andrade seu atestado de contestação “em nome da contestação que é a própria experiência”. Vontade de chegar ao fim do possível, com toda bagagem de inventor de uma poética sem igual, com toda autoridade, reconhecidamente inigualável, mas, inegavelmente, deixando à mostra que “não existe ser sem fissura⁴, mas nós passaremos da fissura sofrida, da decadência, à glória” (ANDRADE, 1999, p. 140).

Em “Traduzir o desejo: psicanálise e linguagem”, Marta Marín-Dómine (2015, p. 141) escreve que “Freud dá o nome de *spaltung*, que mais tarde Lacan designará como fenda, à

4 Ser sem fissura: é própria incompletude, a impossível certeza, a impossível coerência entre o real e a fantasia.

divisão a que se vê submetido o sujeito entre o que diz e o que o inconsciente o empenha a dizer”. Para Lacan (apud MARÍN-DÓMINE, 2015), o “eu” do discurso se encontra separado do “outro” do inconsciente. Isso implica um corte radical no conceito de “eu” instituído a partir da certeza. Há uma “falta-a-ser” na qual a linguagem faz o papel de medianeira entre o “eu”, que pensa e acredita que diz a verdade sobre sua essência, e o inconsciente do qual emerge a enunciação da verdade particular do sujeito.

Assim, Drummond nos deixa como legado, apesar de postumamente, o seu “O Amor Natural”. Segundo Bataille (apud DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 140), “sabendo que esse desejo não passa de brechas, fragilidades, intermitências do moribundo, entre a “degradação” e aquilo que ele quer loucamente, ainda, nomear uma “glória”. Para Bataille, o empreendimento consiste numa “viagem ao fim do possível homem” (BATAILLE apud DIDI-HUBERMANN, 2011, p. 143) e se apresenta na fissura, no não saber, prova do desconhecido desejado, ausência de projeto, descaminho. Não é poder por excelência, mas, continua sendo potência de outra ordem – potência de contestação. Não existe mais o mesmo valor dado à experiência, mas, ainda assim, a própria queda é uma experiência em seu próprio movimento de queda sofrida. “A impotência grita em mim” (DIDI-HUBERMANN, 2011, p. 143-144). E, segundo Didi-Huberman (2011), esse grito, se ele acontecer, emitirá seu sinal, seu “lampejo”. Será potência de contestação, jorro inflamado, excedente, livre de qualquer compostura.

Segundo Bataille (apud DIDI-HUBERMANN, 2011, p. 145), o sujeito da experiência “é um espectador, são olhos que procuram o foco, ou pelo menos nessa operação, a existência espectadora se condensa nos olhos. Esse caráter não acaba se a noite cai. O que se encontra, então, na escuridão profunda é um áspero desejo de ver, quando, diante desse desejo, tudo escapa. Mas o desejo da existência assim dissipada, na noite, recai sobre um objeto de êxtase”.

Segundo Didi-Huberman (2011, p. 146), perpassam nessa experiência perda e êxtase, trevas e luminosidades e “é com grande dificuldade que eu impeço minha chama de brilhar para fora de meu corpo”.

Aqui, aprendemos com a ajuda de Bataille (apud DIDI-HUBERMANN, 2011) que as experiências interiores, as experiências sobre a linguagem ou os sonhos deixam restos (ANDRADE, 1984) que sempre se movimentam. E, no caso de nosso poeta-vaga-lume, são visíveis e constatáveis esses “lampejos” de desejo. Senão, vejamos alguns poucos e significativos versos de poemas que se encontram em “O Amor Natural”, ressignificados e incorporados pelo homem adulto, com permissão para se confrontar com seu desejo sexual, da forma como lhe aprouver.

“Nem era preto de escrava / enrodilhada na sombra / mas presente de rainha / [...] / Meu império se estendia / por toda a praia deserta / e a cada sentido alerta. / Ela beijava o membro” (ANDRADE, 1999, p. 9-10).

“O chão é cama para o amor urgente, / amor que não espera ir para a cama. / Sobre tapete ou duro piso, a gente/ compõe de corpo e corpo a úmida trama” (ANDRADE, 1999, p. 27)

“A língua lambe as pétalas vermelhas / da rosa pluriaberta; a língua lavra / certo oculto botão, e vai tecendo / lépidas variações de leves ritmos” (ANDRADE, 1999, p. 32).

“Já sei a eternidade: é puro orgasmo” (ANDRADE, 1999, p. 35).

No corpo feminino, esse retiro / - a doce bunda – é ainda o que prefiro. / A ela, meu mais íntimo suspiro, / pois tanto mais a apalpo quanto a miro. / Que tanto mais a quero, se me firo / em unhas protestantes, e respiro / a brisa dos planetas, no seu giro / lento, violento... / Então, se ponho e tiro [...] (ANDRADE, 1999, p. 38).

“Quando desejos outros é que falam / e o rigor do apetite mais se aguça, / despetalam-se as pétalas do ânus / à lenta introdução do membro longo. / Ele avança, recua, e a via estreita / vai transformando em dúcida paragem” (ANDRADE, 1999, p. 42).

A outra porta do prazer, / porta a que se bate suavemente, / seu convite é um prazer ferido a fogo / e, com isso, muito mais prazer. / Amor não é completo se não sabe/ coisas que só o amor pode inventar. / Procura o estreito átrio do cubículo / aonde não chega a luz, e chega o ardor / de insofrida, mordente/fome de conhecimento pelo gozo (ANDRADE, 1999, p. 46).

CONCLUSÃO

Como se escritos numa ressurgência, veio nosso *gauche* itabirano completar seu prazer como poeta, enrodilhado no mesmo prazer que a um homem bem comum, como todo mortal, apraz não só usufruir, mas também narrar em versos, prosas ou conversas de balcão, conforme o senhor da experiência. Affonso Romano de Sant’Anna, no posfácio de “O Amor Natural”, refere-se aos poemas como resultado de uma libertação do autor para expor diretamente o que sente. E diz que “não há de que se envergonhar” (ANDRADE, 1999, p. 84).

Diríamos, a propósito da nossa escolha teórica, que esses poemas refletem, como “lampejos de vaga-lumes”, a intermitência de uma sobrevivência possível, ainda que poeticamente idealizada. Morre nosso poeta-vaga-lume e nos deixa versos póstumos como “lampejos” de experiências abertas a muitas formas possíveis de análise.

No nosso modesto entendimento, há um estranhamento com relação ao título dado pelo poeta-vaga-lume ao livro póstumo “O Amor Natural”. Segundo Carl Georges Jung (apud MARONI, 1998), o oposto de amor não é ódio, mas poder. Nesses versos erótico/pornográficos, Carlos Drummond de Andrade se permite, poeticamente, todo poder sobre o corpo das mesmas negras/negrinhas do seu tempo de descobertas, agora, quem sabe, no posto de dominador consciente. E, talvez assim, o real seja a própria fantasia tornada “lampejos” escritos da sobrevivência de um vaga-lume. A origem de toda obra está na imaginação criativa. A partir dessa constatação, a obra de arte terá sempre a surpreendente capacidade de dar certo ao final.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. **A rosa do povo**. Rio de Janeiro: Record. 1984.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Nova reunião**: 23 livros de poesia. 5ª. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2013. v. 3.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **O Amor Natural**. 8ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- CARDOSO, Sérgio. **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Companhia das Letras. 1987.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Tradução: Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: UFMG, 2011.
- HOUAIS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- NOVAES, Adauto. **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- ROSSET, Clément. **O real e seu duplo**: ensaio sobre a ilusão. Apresentação e tradução de José Thomaz Brum. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
- MARÍN-DOMINE, M. **Traduzir o desejo**: Psicanálise e linguagem. Tradução de E. de B. Rossi. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2015.
- MARONI, Amnérís. **Jung: o poeta da alma**. Prefácio Roberto Gambini. São Paulo: Summus, 1998.